



## Gaiola em Decomposição: A Modificação do Edifício São Pedro por meio do Espelho Mídia<sup>1</sup>

Virna BENEVIDES ALVES<sup>2</sup>

Alessandra ARAÚJO<sup>3</sup>

Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, RN

### Resumo

Este artigo se propõe a analisar 5 imagens feitas do Edifício São Pedro, prédio histórico e tombado como patrimônio da capital cearense, que foram produzidas semanalmente, sob o mesmo ângulo, em profusão e momentos diferentes durante 1 (um) ano. Esse é o fragmento de uma pesquisa em andamento realizada no Programa de Pós-Graduação em Estudos Urbanos e Regionais na linha de pesquisa Cidade e Dinâmicas Urbanas na UFRN e iniciada no grupo de pesquisa JUCOM na UNIFOR. Os conceitos discutidos a partir das imagens são o de imagens de Samain (2012) e Campos (2007), de Espelho Mídia de Duarte (2006), de Disputa Visual de Canclini (2003) e alguns outros.

**Palavras-chave:** Edifício São Pedro; Imagem; Modernidade; Espelho Mídia.

### 1 Processo de Análise

Para falar das imagens nesse capítulo destinado a elas, é necessário explicar de onde surgiu a motivação em fotografar o Edifício São Pedro.

Em setembro de 2015, o grupo de pesquisa que participo, o JUCOM<sup>4</sup>, iniciou uma temporada de estudos das imagens que discuti autores como Campos (2007) e Samain (2012), e como atividade prática relacionada ao tema, foi pedido a cada integrante que escolhesse um muro, uma superfície da cidade, para fotografar semanalmente. O intuito segundo Martins Filho e Araújo (2015), é a produção de uma pesquisa coletiva, ainda em construção, sobre um método de análise, a metodologia do "espaço entre" das imagens, conceito que diz respeito à dimensão da ideação imagética.

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no Grupo de Trabalho 3 - Comunicação e Consumo: periodizações e perspectivas históricas, do 7º Encontro de GTs de Pós-Graduação - Comunicon, realizado nos dias 10 e 11 de outubro de 2018.

<sup>2</sup> Graduada em Comunicação Social na UNIFOR e pós-graduanda no Mestrado em Estudos Urbanos e Regionais da UFRN. Email: virnamariabenevides@gmail.com

<sup>3</sup> Prof.<sup>a</sup> Dra. do curso de Comunicação Social da UNIFOR. Email: alessandraoliveira@unifor.br

<sup>4</sup> Jornadas Urbanas e Comunicacionais, programa de grupo de pesquisa da Universidade de Fortaleza.



COMUNICON2018  
congresso internacional  
comunicação e consumo

6º SIMPÓSIO INTERNACIONAL  
7º ENCONTRO DE GTS DE PÓS-GRADUAÇÃO  
3º ENCONTRO DE GTS DE GRADUAÇÃO

O ponto de partida afincou-se no registro fotográfico de locais escolhidos pelos membros do JUCOM e na análise dessas fotografias. As escolhas variaram entre espaços fantasmagóricos, espaços de fluxo intenso e os *espaços entre*, aqueles que aparentam não participar do diálogo cidadão, que parecem deslocados na urbe. Todos esses da cidade de Fortaleza.

Dessa forma, devido ao interesse preexistente pelo Edifício São Pedro, decidi adotá-lo como meu muro e durante um ano, de outubro de 2015 a outubro de 2016, o fotografei semanalmente e produzi um pouco mais de 70 fotografias. Entendendo a impossibilidade de analisar as 70 imagens numa pesquisa monográfica, elegi as 16 fotografias que mais se comunicavam com meus autores e possibilitavam maior margem de discussão.

Para isso, procurei identificar semelhanças de temas entre elas e para a seleção dessas fotografias, decidi transferi-las para o computador com o intuito de ter uma percepção mais extensiva do que conseguiria apenas contemplando a tela do celular. Para Silveira (2006), os registros fotográficos feitos necessitam passar por um processo de análise, comparação, agrupamento e sobreposição para se entender o local de cada imagem, o que ela conta nas suas entrelinhas e como suas sequências podem comunicar.

Dessa forma, o autor se apropria do procedimento da antropóloga Ana Maria Galano, procedimento esse que também é contemplado na minha análise com certas adaptações, a *re-fotografia*, que “deve ser tirada de um mesmo ângulo, com um mesmo enquadramento, com a mesma lente, na mesma estação do ano e, se possível, à mesma hora da foto original” Galano *apud* Silveira (2006). Essa re-fotografia deve auxiliar na composição de uma série que mostraria o movimento da paisagem urbana, no caso da minha pesquisa, do Edifício São Pedro.

Assim o fiz, analisei as imagens em miniaturas, em proporções maiores, as espalhei pelas pastas dos meus arquivos e depois me demorei analisando uma a uma. Nesse momento de análise, as imagens demandaram agrupamentos e comparações que me motivaram a separá-las em cinco categorias que minhas fotografias contemplam: o moderno e o arcaico, invisibilidade, disputa visual, vendedores ambulantes e iluminação. Nesse artigo, iremos analisar apenas o moderno e o arcaico e o da disputa visual.

O intuito desse procedimento é discutir minha relação com o prédio, como ele se comunica e, principalmente, compreender como ele se configura. É o momento de conhecer, de olhar e perceber as



**COMUNICON2018**  
congresso internacional  
comunicação e consumo

6º SIMPÓSIO INTERNACIONAL  
7º ENCONTRO DE GTS DE PÓS-GRADUAÇÃO  
3º ENCONTRO DE GTS DE GRADUAÇÃO

imagens que produzi e as imagens que o Edifício produziu por si só, isso, para discutir os processos de visibilidade e invisibilidade dos prédios "abandonados" com foco no Edifício São Pedro.

## 2 Imagens

Para apreender a maior parte da atmosfera que engloba o Edifício São Pedro e dar corpo à minha pesquisa, realizei registros fotográficos com intuito de conseguir enxergar nas fotografias o que o olho nu não conseguiu anteriormente perceber.

Para Campos (2007), a visão é o mais nobre dos sentidos humanos, a capacidade que nos permite ordenar e diferenciar o espaço ao nosso redor. Por isso, o autor percebe as imagens refletidas pelo nosso olhar (visão) são legendas da “verdade”, indícios do que existe e do que não existe e são capazes de nos orientar no meio.

Essas características correspondem ao conceito que entende a imagem como representação do real, como verdade absoluta e é fortemente corroborada pela cultura ocidental ocularcêntrica contemporânea que acredita apenas no que vê. Isso porque a visão é entendida como um poder supremo, capaz de iluminar e facilitar os caminhos, sentido que diferencia os homens dos outros animais. Campos (2007, p. 129) diz que esta corrente de pensamento descreve que a visão tem “a capacidade de distinguir corretamente as tonalidades da realidade, concedendo a dádiva da ação adequada e justa, ao contrário da cegueira e das trevas, que significam rumo incerto e desorientação”. A visão teria, assim, a função de nortear nossos caminhos.

É o que não podemos ver que nos perturba, o que não temos controle sobre que nos angustia, e essa sensação se comunica diretamente com a necessidade de tornar as imagens parte da realidade, para que possamos nos movimentar, existir e sobreviver. É o que fazemos quando desenvolvemos dispositivos capazes de tornar visível o invisível com tecnologias que antecipam e preveem os acontecimentos, como câmeras de simulação e vigilância, isso explica a intensa reprodução de ditados que ligam diretamente a verdade com a imagem produzida pela visão: “só acredito vendo”, “é preciso ver para crer”.

Para entender o conceito de imagem como reprodução do real, podemos citar o caso de desenhos representativos acerca de diferentes áreas de estudo, como a zoologia, a medicina e a



botânica, que se utilizaram da imagem para realizar verificações científicas que legitimam a compreensão da realidade dos corpos vivos (plantas, animais e seres humanos) e disseminam o saber.

No entanto, apesar de dissertar sobre a imagem como representação, Campos (2007) apresenta outra corrente, a da imagem com poder de reflexão, uma imagem capaz de produzir outras imagens e despertar uma potência criadora no observador. De provocar o pensamento e olhar além da superficialidade, enxergando e criando diferentes verdades.

Samain (2012) fala sobre a fotografia que possui três versões de imagens, a do produtor da imagem (fotógrafo), do observador e a versão de vida própria da imagem confeccionada na fotografia. A partir daí, surge um diálogo entre esses três focos, diálogo capaz de levar o pensamento a diferentes dimensões, produzir a história, formular associações de registros vistos e vividos, causando em nós uma experiência semelhante de quando lemos palavras soltas e formamos na mente uma frase que tem sentido e explica o que um grupo de palavras é capaz de explicar. As imagens são sistemas pensantes.

E é a partir daí, que Samain (2012) afirma não existir imagens pontuais e isoladas de outras imagens, o que ocorre é uma mistura de referências. A imagem vira foco de noções diversas que se conectam com as pessoas observadoras e consigo, noções do momento exato em que foi criada, até o momento exato em que foi analisada e torna-se fonte de pensamentos, inquietações e dúvidas.

A imagem e mais ainda a imagem fixa – sabemos-, é muito mais complexa. Para dar conta disso basta prolongar o tempo de um olhar posto sobre ela, sobre sua face visível, para logo descobrir que a imagem nos leva em direção a outras profundidades, outras estratificações, ao encontro de outras imagens. É necessário pois abrir a imagem, desdobrar a imagem (...) Ou, simplesmente, se deixar levar pela sua opacidade, furar e romper a superfície, para descobrir, ao lado da fala e da escrita, o que ela guarda de mais profundo a nos dizer, ela que da fala e da escrita é a matriz, ao lado de nosso sistema sensorial. (p. 34).

Outro autor que podemos fazer dialogar com Samain (2012), é Rancière (2011), que acredita que a “imagem nunca é uma realidade simples”, mas que existe entre o visível ao olhar e a possibilidade de significados que lhe estão associadas, a capacidade de instigar em nós a reflexão.

Para os autores, a imagem tem então, potência de produção de pensamento, aquele que observa, não observa somente, como também se intriga com o que está vendo e produz uma relação de geração de ideias, de reflexão, podendo formular outras imagens a partir dessa força e perceber além do que está à mostra. É o que ocorreu em minha pesquisa com o Edifício São Pedro. A partir do olhar lançado posteriormente nas fotografias, pude encontrar aspectos não percebidos antes, aspectos esses que se



comunicavam com minhas vivências no local, que me atinavam às peculiaridades, e assim foram capazes de construir imagens mentais que me contavam a história do Edifício São Pedro.

Agora, descortinando a perspectiva de Canevacci (1997), o autor afirma que, nenhuma representação do objeto é capaz de dar conta do que realmente é o objeto, de sua essência. As fotografias, por exemplo, são a reestruturação de um significado que primeiro passou por mim e de mim é reconstruído. Minhas impressões também constituem a representação.

Qualquer representação de um objeto, e particularmente a do objeto etnográfico, não poderá nunca coincidir com a suposta “essência” do próprio objeto. Será sempre uma reconstrução aproximativa, historicamente estabelecida pela compreensibilidade dos códigos que assinalam as diferenças (p. 138).

O autor também afirma que, caso a representação busque ser igual, dessa forma só será possível assumir o objetivo de uma pesquisa onipotente e narcisista, que por si própria anulará o significado do objeto. É necessário o equilíbrio dessas diferenças, o respeito a essas alteridades para que o trabalho final ouça todas as vozes que vos fala e para que nele fique à mostra a polifonia da cultura do objeto pesquisado. Dessa forma, relacionei essa visão de Canevacci (1997) com a função que minhas fotografias teriam nesse trabalho.

Segundo Canevacci (1997), nas imagens produzidas pelo pesquisador, deverá, não só ser possível enxergar o objeto, mas também notar aspectos não percebidos anteriormente. E foi o que ocorreu com as fotografias do Edifício São Pedro. Em análise, compreendi que ali se tratavam de fotos do meu objeto e, além disso, consegui enxergá-lo como se fosse pela primeira vez, percebendo novos detalhes que antes não me eram notórios, criando novas relações.

Essa proximidade do sujeito com o objeto é encarada por Campos (2007, p. 147) como uma “perspectiva que privilegia uma aproximação crítica, reflexiva e colaborativa, sugerindo a multivocalidade, subjetividade dinâmica e fragmentação do real etnográfico”. Dessa forma, tenho a maior possibilidade de compreensão da cultura que envolve o Edifício São Pedro, podendo olhá-lo sob as diversas vozes que o descrevem.

## 2.1 - Procedimentos de investigação

Campos (2007) afirma que o hábito é de afirmar a imagem apenas como acompanhante da linguagem e que seu espaço nos trabalhos em ciências sociais ainda são secundários, iluminando e ilustrando o que o verbo tem a dizer. Esta monografia contém o texto como elemento significativo,



**COMUNICON2018**  
congresso internacional  
comunicação e consumo

6º SIMPÓSIO INTERNACIONAL  
7º ENCONTRO DE GTS DE PÓS-GRADUAÇÃO  
3º ENCONTRO DE GTS DE GRADUAÇÃO

porém tenho a intenção que as fotografias do Edifício São Pedro assumam aqui um lugar em que não precisem secundarizar o verbo para que sejam compreendidas e que não tenham apenas propósitos ilustrativos, mas como conteúdo. Como diz o autor:

Esta pode ser utilizada como elemento de memória que substitui o livro de anotações; permite a observação comparada de um acontecimento; estende as possibilidades de análise crítica pois é um fator de verificação para a observação visual, permite ainda o controle da posição e identificação numa situação de mudança social (p. 152).

Dessa forma, tenho a intenção de que as fotografias que produzi do Edifício São Pedro sejam vetor de criação de novas potências, de novos imaginários coletivos e falar para além do que a imagem mostra, contemplando as adjacências que constituem o objeto da minha pesquisa.

Pensando assim, é interessante que o entorno do Edifício, as pessoas que ali passam e a comunicação do local, sejam contemplados na análise das minhas imagens. Foram mais de setenta (70) fotografias durante um ano, entre outubro de 2015 e outubro 2016, contemplando sempre dois ângulos, colocando o Edifício sempre como foco principal.

Nesse processo, selecionei, editei e dividi em grupos as fotografias e foi aí que tive o momento mais intenso da minha pesquisa, onde percebi o que realmente havia mudado em um ano de observação e quando notei semelhança em algumas imagens. Dentro desse procedimento, identifiquei paralelos entre o que é possível perceber por meio da observação das fotografias e os conceitos dos autores que me acompanharam até aqui.

Para clarificar o processo metodológico das minhas fotografias, preciso expor que o Edifício São Pedro se localiza no meu percurso diário de retorno da Universidade de Fortaleza, instituição que estudava na graduação, no bairro Edson Queiroz, até minha casa, no bairro Monte Castelo, trajeto esse que percorria de carro. No início do processo fotográfico, no mês de outubro de 2015, a Avenida Historiador Raimundo Girão era a única rua com direção ao Monte Castelo no meu trajeto, assim, eu cruzava diariamente com os fundos do meu objeto de pesquisa, o Edifício São Pedro, e por dois meses fotografei esse lado da construção.

Durante muitos meses do segundo semestre de 2015, a Avenida Beira Mar passou por intensas reformas e no mês de dezembro do mesmo ano, recebe nova direção, me dando mais uma opção de caminho para casa. Sabendo que o Edifício São Pedro se encontra entre as avenidas Beira Mar e Historiador Raimundo Girão, com a mudança de sentido da Avenida Beira Mar, agora eu tinha a opção de cruzar com a frente do prédio, e assim o fiz.



**COMUNICON2018**  
congresso internacional  
comunicação e consumo

6º SIMPÓSIO INTERNACIONAL  
7º ENCONTRO DE GTS DE PÓS-GRADUAÇÃO  
3º ENCONTRO DE GTS DE GRADUAÇÃO

Então, do fim de dezembro de 2015, até outubro de 2016, fotografei pela câmera do meu celular do período, modelo Samsung J7, de dentro do meu carro, a fachada principal do Edifício São Pedro, parando sempre o veículo no mesmo local da avenida e buscando enquadrar sempre o mesmo ângulo. Muitas vezes decidi estacionar o carro, comprar uma água de coco vendida pelos comerciantes ambulantes para passar mais tempo observando o local. Fotografei também outros espaços do entorno do Edifício e todas essas fotografias foram tiradas em profusões e momentos diversos. No seguinte tópico estão as imagens selecionadas que foram divididas pelos temas que encontrei nesse processo de observação.

### **3 Análise das imagens**

#### **3.1 Sequência 1: o arcaico e o moderno**

Para iniciar esse tópico é preciso ressaltar que o Edifício São Pedro encontra-se dentro de um bairro que recebe muitas influências de desejo, em uma das orlas mais conhecidas da cidade, a Praia de Iracema. Esse espaço é local de fluxo de turistas, transeuntes esses, que têm a potência de propagar opiniões acerca da imagem da capital cearense e, por isso, é um dos bairros mais contemplados pelo poder público com infraestrutura adequada e moderna para o trânsito de carros, bicicletas, ônibus e pedestres. Além de alocar as mais modernas e luxuosas construções da cidade, possui também um dos maiores IDHs<sup>5</sup> dos bairros fortalezenses.

Nessa primeira análise de fotografias, percebi seis (06) imagens que mostram a degradação da fachada e o prédio moderno ao lado e como dialogam para explicar o contexto do Edifício São Pedro, entre essas seis imagens, reuni, numa ordem cronológica, três (03) para fomentar a discussão da minha pesquisa.

Apesar de se tratar de um bairro para onde se lança muita luz encandeada pelo espelho mídia, conceito de Duarte (2006) que explica como as inferências dos meios de comunicação refletem as imagens mais rentáveis que têm grande poder de persuasão sobre a opinião pública e são capazes de modificar as dinâmicas da urbe, o Edifício São Pedro é um dos pontos periféricos dentro do vórtice de desejos da cidade. Sua calçada é local de prostituição e venda de drogas nas madrugadas, sua fachada é fortemente marcada pelos vestígios do tempo e do abandono, sua iluminação é breve comparada ao

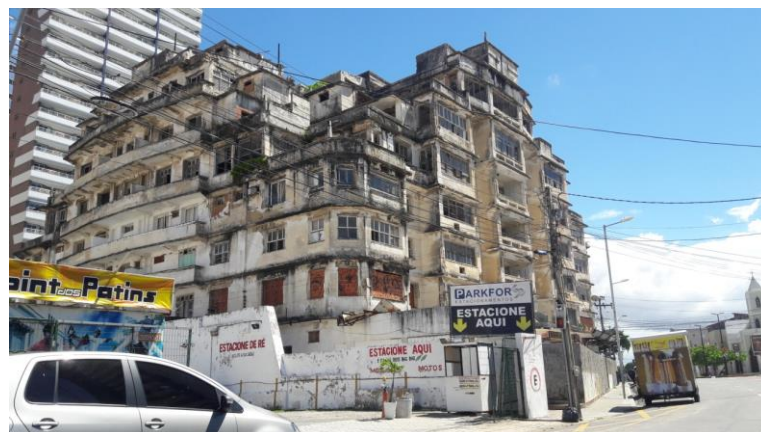
<sup>5</sup> Disponível em: <<http://tribunadoceara.uol.com.br/noticias/cotidiano-2/zona-nobre-de-fortaleza-bairro-meireles-tem-idh-proximo-ao-da-noruega/>>. Acesso em: janeiro, 2018.



do resto da avenida. A figura 5 na página seguinte expõe um ângulo do Edifício em que podemos claramente perceber como é desgastada a pintura da fachada.

Sobre o visível envelhecimento da fachada do prédio, uma questão trouxe inquietação à minha pesquisa. Por diversos momentos, me questionei como um bairro com tantas amostras de futuro desposadas sobre as construções, ainda não realizou uma reforma significativa no antigo Iracema Plaza Hotel, hoje Edifício São Pedro, que teve tombamento decretado pelo Conselho de Preservação do Patrimônio Histórico e Cultural de Fortaleza (Comphic)<sup>6</sup>.

Figura 5: Edifício São Pedro, 02/05/2016.



Fonte: Arquivo pessoal

Segundo o documentário Lastro (2014), nos tempos de Iracema Plaza, a construção se tratava de um vórtice intenso de desejos, expectativas, probabilidades. Muitos caminhos se podiam seguir a partir do hotel, ali aconteciam encontros que viravam notícia em toda a cidade.

As pessoas que frequentavam o edifício eram famílias, professores, pessoas bem estruturadas, com um nível social de classe média alta e o hotel tinha quatro estrelas, um hotel muito bom praquela época em Fortaleza. (LASTRO, 2014).

No entanto, surgiram concorrentes mais capazes de entregar ao público o que tanto desejavam: novidade, modernidade e requinte.

Quando o Iracema Plaza é superado, o desejo de cidade se desloca na urbe. Duarte (2006) explica que o deslocamento do desejo é capaz de transformar as formas de sociabilidade, alterando não

<sup>6</sup> Disponível em: <<http://g1.globo.com/ceara/noticia/2015/09/conselho-decreta-tombamento-do-edificio-sao-pedro-em-fortaleza.html>>. Acesso em: janeiro, 2018.





**COMUNICON2018**  
congresso internacional  
comunicação e consumo

6º SIMPÓSIO INTERNACIONAL  
7º ENCONTRO DE GTS DE PÓS-GRADUAÇÃO  
3º ENCONTRO DE GTS DE GRADUAÇÃO

só centros econômicos, mas também políticos e sociais. Trata-se de um desejo coletivo e espontâneo dos cidadãos, influenciado especialmente pelo espelho mídia, capaz de transformar inclusive toda a malha de edificações da capital, transformando locais antes extremamente habitados e frequentados, em espaços fantasmagóricos da urbe.

Analisando a figura 6, percebemos que o desejo de cidade que traz desenvolvimento às metrópoles, mora bem ao lado do Edifício São Pedro, quando o prédio vizinho é uma construção alta, recente e luxuosa, um prédio fisicamente conservado. Um prédio que recebeu os raios de iluminação dos desejos da urbe.

Para Duarte (2006), esse desejo de estar no vórtice dos eventos da cidade, está sempre em movimento e, se por alguma razão, esse fluxo é interrompido por limites, é dever da cultura complexa que criamos transpor essa barreira através dos avanços tecnológicos, para que se torne possível expandir o desejo de cidade. A cada nova parte do espaço urbano afetada pelo desejo cidade, temos uma nova temporalidade criada.

Figura 6: Edifício São Pedro, 30/08/2016.



Fonte: Arquivo pessoal

Talvez, essa temporalidade retida no Edifício São Pedro ainda da década de 1950, o tenha salvo da demolição, da reconstrução ou substituição, por responsabilidade do passado e do que esse representa para a sociedade. Essas múltiplas temporalidades integradas na mesma cidade podem se multiplicar ainda mais quando atravessarem as numerosas possibilidades da comunicação. Os portais abertos por esses meios irão constituir imagens sobre a cidade, que influenciarão em novas imagens de cidades por todo o mundo, agindo como um ciclo intermitente. Essas imagens são sentidos formadores de opinião na urbe e não apenas ilustrações, tratam-se de uma condensação de pequenas verdades



COMUNICON2018  
congresso internacional  
comunicação e consumo

6º SIMPÓSIO INTERNACIONAL  
7º ENCONTRO DE GTS DE PÓS-GRADUAÇÃO  
3º ENCONTRO DE GTS DE GRADUAÇÃO

midiáticas que construirão impressões e conceitos sobre determinadas cidades, alterando assim o foco e o caminho dos desejos de seus habitantes. Aqui em Fortaleza, esse influxo de desejo causado pelo espelho mídia, tem chegado em menor proporção ao Edifício São Pedro.

Analisando a figura 7, é possível entender o motivo de nossa cidade ser conhecida entre os populares como uma capital sem memória e que não preserva os acontecimentos do passado. Na imagem, avalio o Edifício São Pedro como uma prova disso quando aparece sendo esmagado por construções mais recentes, quando está sempre distante das luzes emitidas pelos holofotes e quando aparenta observar tudo o mais passar enquanto está imóvel no tempo.

Figura 7: Edifício São Pedro, 09/08/2016.



Fonte: Arquivo pessoal

Para Benjamin (2012), isso ocorre porque vivemos um tempo de pobreza de experiência. Não somos mais capazes de comunicar ou de receber informações acerca dos acontecimentos. A modernidade desumanizou o homem e "Uma nova forma de miséria surgiu com esse monstruoso desenvolvimento da técnica" (p. 124). Por isso, demolimos, abandonamos e esquecemos o passado, porque a experiência não mais vincula o Edifício São Pedro, por exemplo, às nossas vidas contemporâneas. Não cresci em contato com os locais que foram palco inicial do espetáculo de Fortaleza, não dividi com esses espaços recordações e não fabriquei memórias em que os locais históricos fossem plano de fundo. Benjamin (2012) explica:

Pois qual o valor de todo o nosso patrimônio cultural, se a experiência não mais o vincula a nós? A horrível mixórdia de estilos e visões do mundo do século passado mostrou-nos com tanta clareza aonde esses valores culturais podem nos conduzir quando a experiência nos é subtraída, hipócrita ou sorrateiramente, que hoje em dia é uma prova de honradez confessar nossa pobreza. Sim, confessemos: essa pobreza não



**COMUNICON2018**  
congresso **internacional**  
**comunicação e consumo**

6º SIMPÓSIO INTERNACIONAL  
7º ENCONTRO DE GTS DE PÓS-GRADUAÇÃO  
3º ENCONTRO DE GTS DE GRADUAÇÃO

é apenas pobreza em experiências privadas, mas em experiências da humanidade em geral. Surge assim uma nova barbárie (p. 124-125).

Dessa forma, a história de Fortaleza pode ir se dissipando por entre as gerações e os novos monumentos, os prédios mais recentes e de acordo com a dinâmica da modernidade são palcos de vivências dos cidadãos e são de forma efêmera, já que o novo não é novo por muito tempo.

### 3.2 Sequência 2: disputa visual

Nessa terceira análise de fotografias, percebi quatro (04) imagens que mostram a disputa visual entre publicidade, pichação e monumentos e como as fotografias falam sobre o contexto do Edifício São Pedro. Entre essas quatro imagens, reuni, numa ordem cronológica, duas (02) para fomentar a discussão da minha pesquisa.

Figura 9: Edifício São Pedro, 21/12/2015 e 27/09/2016



Fonte: Arquivo pessoal

Para Canclini (2003), edifícios históricos, como meu objeto de pesquisa, são monumentos que um dia simbolizaram uma parcela abastada da população e que, por meio de suas construções, pretendiam se perpetuar nas culturas seguintes. A grande questão, para o autor, é que na verdade, esses monumentos não simbolizam a sociedade geral, a grande massa, tratam-se de imagens da elite, de um juízo segregador que exclui e obscurece os monumentos que verdadeiramente têm ligação com a sociedade. “As identidades coletivas encontram cada vez menos na cidade e em sua história, distante ou recente, seu palco constitutivo” (p. 288).

Apesar da imutabilidade estrutural do Edifício, as pichações seguem acontecendo e modificando o São Pedro, como vemos, da esquerda para a direita, as janelas e os muros que cercam a



**COMUNICON2018**  
congresso internacional  
comunicação e consumo

6º SIMPÓSIO INTERNACIONAL  
7º ENCONTRO DE GTS DE PÓS-GRADUAÇÃO  
3º ENCONTRO DE GTS DE GRADUAÇÃO

construção, na figura 9, com fotografias do dia 21 de dezembro de 2015 e do dia 27 de setembro de 2016. O Edifício passa a ser palco de disputa visual marginal e é por meio dessas intervenções que dialoga novamente com a população que consegue reconhecer o prédio como monumento importante da cidade. É atualizado pelos intervencionistas e dialoga com tradições de grupos marginais.

Sem vitrinas nem guardiães que os protejam, os monumentos urbanos estão felizmente expostos a que um grafite ou uma manifestação popular os insira na vida contemporânea. Mesmo que os escultores resistam a abandonar as fórmulas do realismo clássico ao representar o passado, a fazer heróis de manga curta, os monumentos se atualizam por meio das “irreverências” dos cidadãos. (CANCLINI, 2003, p. 301).

Ainda que receba essa forma marginal de disputa visual, a publicidade não chega até os muros do Edifício São Pedro, isso porque essa nova forma de disposição visual na cidade acompanha a dimensão do desejo de cidade e, estando fora do influxo desses acontecimentos na capital, o prédio recebe menos intensamente os efeitos da disputa visualista, deixando seus arredores mais sobrecarregados nesse processo e levando o Edifício São Pedro à invisibilidade.

### **3. (em processo de) Conclusão**

Sendo para mim símbolo de resistência na cidade desmemoriada de Fortaleza, penso que esse é um trabalho ainda em construção, que não precisa necessariamente assumir a forma cronológica tradicional das pesquisas acadêmicas, mas que precisa sim assumir a expressiva influência da mídia e dos seus artifícios na construção e desconstrução cíclicas, na visibilidade e invisibilidade que acomete o Edifício São Pedro. As manobras midiáticas foram capazes de formular fortes opiniões e de permear intensamente os percursos que trilhou o prédio até o estado de abandono em que se encontra atualmente, primeiro semestre de 2018.

Ao final do processo de análises das minhas fotografias, depois de relacioná-las com os temas que acreditei serem mais propícios para a discussão e de observar com intensidade e delicadeza as imagens que elas traziam do Edifício São Pedro, ainda assim, me sinto provocada a ir ao local para experimentar os arredores, para conseguir encontrar moradores e ex-moradores que possam me dar maiores informações acerca da dinâmica cotidiana em que o prédio está inserido. Assim, as intenções dessa pesquisa se concentram em perceber a beleza oculta no Edifício São Pedro, para que dessa forma seja possível compreender que existem numerosos outros espaços que enfrentaram ou enfrentam processos semelhantes de abandono e esquecimento em Fortaleza.



COMUNICON2018  
congresso internacional  
comunicação e consumo

6º SIMPÓSIO INTERNACIONAL  
7º ENCONTRO DE GTS DE PÓS-GRADUAÇÃO  
3º ENCONTRO DE GTS DE GRADUAÇÃO

Por fim, ressalto que pretendo continuar as andanças para encontrar outros Edifício São Pedros pela cidade, dessa vez praticando as *errâncias* de Paola Berentein Jacques (2012), como forma metodológica de pesquisa.

### Referências

BENJAMIN, Walter. **Obras Escolhidas vol. I: Magia e Técnica, Arte e Política**. São Paulo: Ed. Brasiliense, 2012.

CAMPOS, Ricardo M. O. **Pintando a Cidade**: Uma abordagem antropológica ao Graffiti Urbano. 2007. 512 f. Dissertação (Doutoramento em Antropologia – Especialidade Antropologia Visual) – Universidade Aberta, Lisboa, 2007.

CANCLINI, Néstor Garcia. **Culturas Híbridas**: estratégias para entrar e sair da modernidade. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2003.

CANEVACCI, Massimo. **Cidade Polifônica**. Ensaio sobre a antropologia da comunicação urbana. São Paulo: Studio Nobel, 1997.

DUARTE, Eduardo. **Desejo de Cidade**: múltiplos tempos, das múltiplas cidades, de uma mesma cidade. Porto Alegre: Ed. Sulina, 2006.

G1. Disponível em: <<http://g1.globo.com/ceara/noticia/2015/09/conselho-decreta-tombamento-do-edificio-sao-pedro-em-fortaleza.html>>. Acesso em: janeiro, 2018.

JACQUES, Paola. **Elogio aos errantes**. Salvador: EDUFBA, 2012.

MARTINS FILHO, Tarcísio Bezerra; ARAÚJO, Alessandra Oliveira. Muros entre imagens: resultados da construção de um método para coleta e análise de imagens de manifestações comunicacionais na cidade de Fortaleza. In: **Anais do XXXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**. Rio de Janeiro: Intercom, 2015.

PRADO, REBECA. **Lastro**. Produção de Rebeca Prado, direção de Rebeca Prado. Fortaleza, Unifor, 2014. 25min.

RANCIÈRE, Jacques. **O Destino das Imagens**. Lisboa: Orfeu Negro, 2011.

SAMAIN, Etienne. **Como pensam as Imagens**. Campinas: Editora da Unicamp, 2012.

SILVEIRA, Fabrício. Uma cidade em quadro clínico. Aproximações teórico-metodológicas em torno da noção de inconsciente ótico. **Revista Fronteiras**, São Paulo, v. 8, n. 1, p. 93-116, 2006.

**Tribuna do Ceará**. Disponível em: <<http://tribunadoceara.uol.com.br/noticias/cotidiano-2/zona-nobre-de-fortaleza-bairro-meireles-tem-idh-proximo-ao-da-noruega/>>. Acesso em: outubro, 2016.